

Reflexões interculturais sobre educação ambiental indígena

Beatriz Osorio Stumpf¹
Denise Rosana Wolf²
Maria Aparecida Bergamaschi³

Resumo: O artigo traz reflexões interculturais sobre possibilidades metodológicas para a Educação Ambiental indígena, a partir de pesquisa integrada ao desenvolvimento de projeto socioambiental com aldeias Mbya Guarani. São destacados elementos como interdisciplinaridade, conexão entre ambiente e cultura, interculturalidade, respeito a tempos, ritmos e características culturais, individuais e de cada aldeia, valorização do conhecimento dos mais velhos, relevância de aspectos artísticos, históricos e cartográficos, e integração entre a dimensão educacional, da saúde, ecológica, econômica, política, cultural e social. Salienta-se a importância de métodos que proporcionem flexibilidade, participação, envolvimento comunitário e formação de agentes multiplicadores, com o fortalecimento da autonomia e das relações entre as aldeias.

Palavras-chave: Educação Ambiental Indígena, Interculturalidade.

Intercultural Reflections on indigenous environmental education

Abstract: The article brings intercultural reflections on methodological possibilities for indigenous Environmental Education, from research integrated to environmental project with Mbya Guarani villages. Are highlighted elements such as interdisciplinarity, connection between environment and culture, interculturalism, respect of times, rhythms and culture, appreciation of older knowledge, artistic, historical and cartographic aspects, and integration between educational, health, ecological, economic, political, cultural and social dimensions. It stresses the importance of methods that provide flexibility, participation, community involvement and training of multipliers, with the strengthening of autonomy and of relations between the villages.

Keywords: Environmental Education, Interculturality.

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professora Substituta do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. E-mail: beatriz.osoriostumpf@yahoo.com.br

² Especialista em Gestão Socioambiental pela Fundação Getúlio Vargas. E-mail: denisewolf@terra.com.br

³ Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: cida.bergamaschi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O artigo apresenta reflexões geradas a partir da execução do projeto "Ar Água e Terra: Vida e Cultura Guarani: Ações de recuperação e conservação ambiental e etnodesenvolvimento em aldeias indígenas Guarani do RS", o qual está sendo desenvolvido através do IECAM - Instituto de Estudos Culturais e Ambientais⁴, a partir de 2011, com o patrocínio da Petrobras, por meio do Programa Petrobras Ambiental. Este trabalho de Educação Ambiental (EA) contempla nove aldeias Mbya Guarani do Rio Grande do Sul, envolvendo atividades de apoio à recomposição e conservação ambiental das áreas.

O projeto visa contribuir para a melhoria da situação ambiental e social dessas aldeias, a partir de atividades de coleta e intercâmbio de sementes, viveirismo, compostagem e reflorestamento com espécies vegetais nativas escolhidas pelos Guarani, as quais são utilizadas para alimentação, saúde (medicina tradicional) e economia (confecção de artesanato para comercialização). Junto à revitalização de práticas tradicionais, o trabalho contempla o apoio à recuperação de áreas degradadas, produção de alimentos e melhoria da fertilidade do solo, incluindo o uso de técnicas agroecológicas, como adubação verde, adubação orgânica, agrofloresta e criação de hortas e canteiros de plantas medicinais, além do intercâmbio de sementes da agricultura tradicional Mbya Guarani, no sentido de contribuir para sua segurança alimentar e autonomia.

Outro foco da atuação se refere ao desenvolvimento do etnoturismo nas aldeias, com objetivos de geração de renda para as famílias, valorização da cultura Mbya e difusão da visão de mundo ecológica e dos saberes ambientais destes povos. Deste modo, foram elaboradas coletivamente rotas turísticas e trilhas ecológicas, com o preparo da infraestrutura necessária para esta finalidade. Foi observado este interesse no etnoturismo, por parte de representantes de algumas aldeias, pois existe a preferência dos Mbya Guarani por comercializar o artesanato no próprio local, sem precisar ir para as cidades.

O tema do etnoturismo se tornou um dos geradores da necessidade de ser trabalhada a questão dos resíduos nas aldeias, além de outros motivos que compõem o interesse por parte de algumas lideranças em mudar a forma como são descartados. Portanto, o trabalho passou a incluir atividades direcionadas para o destino adequado dos

⁴O IECAM é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 1991, direcionada para o estudo e o desenvolvimento de ações relacionadas com a sustentabilidade social e ambiental, que busca principalmente a revitalização de saberes tradicionais e da biodiversidade. Desde 2004, esta instituição tem criado um espaço de aproximação e de envolvimento com os Mbya Guarani, tendo desenvolvido diversos projetos relacionados com o etnodesenvolvimento e a etnoconservação, em uma perspectiva de construção e ação em conjunto com estes povos para o atendimento de suas demandas. www.iecam.org.br; www.iecam.org.br/projeto; www.iecam.org.br/facebook.

resíduos, com o aproveitamento do lixo orgânico para a compostagem, gerando adubo para as hortas e viveiros, bem como o condicionamento dos outros tipos de resíduos para a coleta.

A atuação tem oportunizado a convivência, a escuta e o diálogo com o povo Mbya Guarani, pois a metodologia de trabalho do IECAM se fundamenta em um processo de construção participativa e dialógica, no qual os membros da aldeia apresentam suas demandas e, junto com os técnicos do Instituto, propõem soluções, gerando aprendizagens mútuas e trocas interculturais de saberes e ideias. A proposta de trabalho leva em consideração a importância de conhecer as percepções Mbya relativas ao processo educativo ambiental, em uma prática reflexiva, acompanhada por discussões, leituras e registros. O conhecimento destas percepções tem contribuído para reflexões e construções sobre projetos socioambientais em aldeias indígenas, de um modo integrado à visão de mundo e ao modo de ser destes povos, bem como para o delineamento das especificidades de uma Educação Ambiental Mbya Guarani.

A partir da pesquisa integrada a este projeto socioambiental intercultural, Stumpf et al (2014) apresentam percepções ambientais Mbya Guarani, mostrando similaridades com abordagens da educação ambiental, como visão sistêmica, holística e transdisciplinar, ética de respeito para com todas as formas de vida, e relação entre natureza e temas importantes como saúde, espiritualidade, arte, cultura e valores humanos.

O presente artigo traz novas reflexões fundamentadas em percepções Mbya Guarani sobre a construção de métodos para Educação Ambiental e ações socioambientais. Com base na apresentação de visões Mbya sobre a atuação, junto à discussão de elementos metodológicos utilizados, e em diálogo com algumas abordagens da EA, são elaborados pensamentos, visando contribuir para construções referentes não somente a estratégias e métodos, mas também sobre qual seria a concepção de uma Educação Ambiental Mbya Guarani, quais os seus objetivos, como seria o papel do(a) educador(a) ambiental e a sua forma de se relacionar com estes povos, no sentido de suscitar construções no campo da Educação Ambiental com indígenas. Ideias preliminares sobre este tema foram apresentadas na X Reunião Científica da Associação Nacional de Pós Graduação em Educação (ANPED Sul 2014).

2. MÉTODO

A metodologia desta pesquisa se fundamentou no trabalho de campo desenvolvido durante a participação no projeto "Ar Água e Terra: Vida e Cultura Guarani: Ações de

recuperação e conservação ambiental e etnodesenvolvimento em aldeias indígenas Guarani do RS", nos anos de 2011 e 2012. Neste período a equipe técnica atuou simultaneamente na forma de agentes de Educação Ambiental e pesquisadores⁵. A observação participante foi utilizada como um elemento importante do processo, junto a um olhar etnográfico, com o uso de diários de campo, possibilitando o registro de diálogos e de observações sobre o modo Mbya de se relacionar com o ambiente e de lidar com questões ambientais, junto ao registro de reuniões e relatos de atividades, contemplando impressões, reflexões, discussões e problematizações.

Além de se fundamentar em percepções de representantes Mbya Guarani sobre o processo, este artigo também utiliza como base para a discussão os próprios métodos utilizados no projeto, junto aos resultados observados, portanto alguns elementos metodológicos do trabalho são apresentados ao longo do item "Resultados e Discussão".

A pesquisa envolveu a observação de um processo prático, coletivo, intercultural, absorvendo as percepções que surgiram naturalmente a partir desta trajetória; mas também a observação da convivência cotidiana, momentos de partilha de alimento, chimarrão, palavras e silêncios.

A metodologia abrangeu ainda a pesquisa de materiais do IECAM: relatórios, relatos de atividades, filmes, instrumentos de divulgação e textos produzidos pela equipe técnica durante o desenvolvimento da atuação. Como forma de análise, as percepções Mbya Guarani registradas, bem como resultados observados ao longo da execução do método, foram relacionadas com algumas abordagens utilizadas na Educação Ambiental, na forma de uma construção intercultural.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o desenvolvimento do trabalho foram sendo destacadas algumas especificidades de atuações educacionais ambientais com o povo Guarani, tendo como base suas percepções sobre ambiente, interculturalidade e Educação Ambiental, bem como as demandas que foram se apresentando.

Ao longo da atuação, alguns representantes do povo Mbya Guarani expressaram a preocupação com relação à situação ambiental atual de algumas aldeias. Muitas áreas que eram originalmente destes indígenas passaram por processos intensivos de degradação

⁵ Uma parte das reflexões e dos dados deste artigo foi obtida a partir da dissertação de mestrado de Beatriz Osorio Stumpf, *Educação ambiental indígena e interculturalidade: reflexões a partir de percepções Mbya Guarani*, desenvolvida no programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da professora Dra. Maria Aparecida Bergamaschi.

antes de serem retomadas, estando as terras disponíveis atualmente bastante degradadas devido a monoculturas de eucalipto e outros sistemas de produção de grande impacto⁶.

Diversos Mbya revelaram ainda uma preocupação com relação a algumas transformações que estão ocorrendo no modo de vida do seu povo, principalmente nas aldeias mais próximas às cidades, devido à pressão da cultura ocidental, com o forte estímulo ao consumo de produtos industrializados, com seus excessos de embalagens, que conforme a percepção de alguns representantes, traz angústia pelo fato de serem materiais produzidos pelos não indígenas.

Em muitos casos as aldeias são espaços pequenos em relação ao rápido aumento das famílias, sendo necessária a abertura de mais áreas para roçados e produção de alimentos, dificultando a conservação das matas. Semeghini (2003) aponta para o fato de que a falta de terras impede a manutenção das práticas agrícolas tradicionais, nas quais ocorria a alternância das áreas de roçado, permitindo tempo para a regeneração da vegetação e o enriquecimento da biodiversidade.

O destino inadequado de resíduos sólidos e líquidos tem contribuído para a poluição das águas e solos, podendo ter consequências na contaminação de alimentos produzidos e da pesca. Giatti et al (2007) e Toledo et al (2008), através de pesquisas em aldeias indígenas, apontam a existência de problemas sanitários, ambientais e de saúde, concluindo sobre a importância do desenvolvimento de ações conjuntas nas áreas da infraestrutura e da educação, incentivando a participação da comunidade local para discutir soluções sobre estas questões.

Portanto, destaca-se a importância de processos educativos socioambientais em aldeias indígenas, para a contribuição na resolução de problemas ambientais, em um enfoque intercultural, de construção conjunta, escuta de suas demandas e trocas de ideias, com planejamento e execução de ações coletivas. Essas atuações são educativas, levando a aprendizagens e transformações mútuas entre os membros de diferentes culturas, podendo ser pesquisadas, discutidas e elaboradas no campo da Educação Ambiental.

A EA é indicada por Verdum (2002), em uma concepção de etnodesenvolvimento dos povos indígenas, tendo como base a gestão participativa e a valorização dos conhecimentos locais sobre o manejo sustentável de ecossistemas, junto ao repasse de novos conhecimentos, incluindo técnicas para a manutenção da fertilidade do solo

⁶ Os Mbya Guarani ocupavam anteriormente estes territórios, mas foram expulsos através dos processos de colonização. Atualmente retomam estas terras e constituem suas aldeias, por meio de intensos trabalhos de luta para demarcação e regularização. No entanto, muitas destas áreas se encontram em estados avançados de degradação, devido à acelerada exploração econômica.

baseadas em princípios ecológicos, como o uso de biofertilizantes e a adubação verde. Bertho (2005), em um enfoque da etnoconservação, apresenta visão semelhante, embora sem usar o termo Educação Ambiental, ao considerar a potencialidade dos saberes indígenas na construção de sistemas sustentáveis de manejo de áreas, apontando para projetos de colaboração que integram conhecimentos etnoecológicos destas culturas com princípios agroecológicos. O autor indica processos de sustentabilidade etnoambiental que possibilitem a recuperação da agrofloresta, podendo ser acrescentados outros métodos adaptados ao contexto contemporâneo, com a problemática ambiental atual e a necessidade de se fixarem mais em um território, incluindo técnicas de cobertura vegetal e adubação verde, atividades de viveirismo e de reflorestamento, de modo a possibilitar a recuperação de solos degradados e o enriquecimento florestal com plantas nativas.

Souza et al (2004 p.11), referindo-se a processos de gestão territorial e ambiental em áreas indígenas, destacam a importância da participação ameríndia na gestão dos projetos, proporcionando melhores perspectivas de continuidade e contribuindo para o protagonismo e o maior controle sobre iniciativas externas. A ausência de uma ampla participação comunitária no planejamento pode ocasionar a falta de identificação com os projetos, trazendo uma visão das iniciativas como sendo de outras pessoas e instituições, o que dificulta a apropriação pela comunidade. Para que ocorra esta apropriação, precisa haver o respeito e a adequação às lógicas, ritmos e formas de organização social das diversas etnias e comunidades indígenas.

No caso do projeto do IECAM, o método utilizado se fundamenta no respeito e na valorização desta cultura, com sua visão de mundo, seu ritmo de vida e seu jeito de ser, partindo da contínua escuta das demandas Mbya e da busca conjunta de soluções, ao mesmo tempo em que leva sugestões de formas ecológicas de resolver os problemas derivados das condições atuais de vida, propiciando, quando necessário, outros tipos de saberes e as estruturas necessárias para lidar com algumas questões. Deste modo, está presente o cuidado com relação à em que momentos e de que forma são propostas técnicas não indígenas.

O processo educativo é construído coletivamente, por meio de conversas informais, reuniões e encontros. Estas ocasiões são aproveitadas para estimular a troca de ideias sobre ações para a resolução de questões ambientais da aldeia. Por meio destes diálogos e reflexões são organizados elementos estruturais para a melhoria da situação ambiental do local, e são construídas atividades educativas, como oficinas sobre temas diversos,

direcionadas para adultos, jovens e crianças, contemplando dinâmicas peculiares para cada faixa etária.

A observação participante se apresenta como instrumento de grande importância na construção do processo, permitindo um aumento gradativo da aproximação com os indígenas, buscando a aprendizagem e a compreensão de seus hábitos, concepções e percepções. Outros métodos utilizados no trabalho fazem parte da própria cultura Mbya e foram sugeridos por eles, como os grupos de trabalho e os *Potirõ* (mutirões). Com a formação de grupos de trabalho, cada grupo fica responsável por alguma atividade comum a todos, como coleta de sementes e frutos, plantio de espécies arbóreas, medicina tradicional, produção agrícola, etc. Os mutirões reúnem esforços de muitas pessoas em torno de uma mesma atividade, sendo importantes não só para as ações práticas coletivas, mas para a própria convivência.

Souza et al (2004 p. 12) ressaltam a necessidade do diálogo aberto, horizontal e sensível às diferenças culturais entre as partes envolvidas. Nesta direção, Matos (2004 p. 22) acrescenta a importância da promoção efetiva de diálogos interculturais, não só na criação de espaços participativos, como reuniões e encontros, mas promovendo uma verdadeira “fusão de horizontes” entre os sistemas de significado indígenas e não indígenas, sem hierarquização ou sobreposição de pensamentos, mas buscando criar e manter uma esfera de intersecção.

Durante o desenvolvimento do projeto do IECAM, ocorre uma contínua escuta de suas impressões sobre as trocas que se desenrolam ao longo do processo, proporcionando manifestações espontâneas de opiniões Guarani sobre o fato de pessoas de outras culturas estarem se aproximando da causa indígena e se propondo a contribuir:

O desenvolvimento vai avançando, sem respeito, pisando nos pobres. Nós sozinhos não conseguimos muito, tem que vir gente de fora ajudar, tem que ter parceria. Hoje tem mais companheiros da causa, que respeitam a cultura Guarani. Não podemos perder o vínculo com as pessoas aliadas e tem que ampliar esses aliados. Não é fácil trabalhar na questão indígena. São dois mundos diferentes. Os índios têm que ser vistos como parceiros. Não adianta vir aqui na aldeia só pra perguntar sobre nossa cultura, nossa cosmologia, tem que trabalhar nossas necessidades, ver o que falta. Tem que caminhar junto, abraçar a causa indígena. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2013).

Dizeres como estes sugerem reflexões sobre a visão Mbya sobre interculturalidade, no sentido da importância de duas culturas diversas (“dois mundos diferentes”) caminharem juntas, como parceiros, “companheiros”, se complementando, trocando ideias e experiências, construindo ações para atender às demandas das aldeias e da questão

indígena como um todo, em uma visão de transformação de aspectos da sociedade, e enfrentando as dificuldades que fazem parte deste processo, o qual também abrange conflitos e incompreensões.

No entanto, falas Guarani também questionam possíveis assimetrias da atuação educativa ambiental, bem como do processo histórico da relação colonizadora:

Como fazer educação ambiental se não tem terra, não tem floresta? Como o branco que destruiu vem plantar e querer que a gente plante? O Índio não gosta que o branco venha dizer o que tem que fazer. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

Estes questionamentos mostram a importância de se estabelecer uma troca intercultural que tenha como princípio a interculturalidade crítica, com atuações educacionais que mantenham a clareza sobre a colonização do saber que ainda permeia nossa sociedade. O significado desta perspectiva, atribuído por Walsh (2010), se refere a um processo contínuo de relação e negociação, construído na forma de um projeto político, ético, social e epistêmico, que afirma a necessidade de transformação nas estruturas e relações de poder que alimentam a desigualdade, discriminação e dominação. A abordagem está relacionada com a Pedagogia Crítica que iniciou com Paulo Freire nos anos 60, no sentido de projetos e movimentos que se entrelaçam em uma dinâmica de questionamento crítico, desconstrução e reconstrução de saberes.

As manifestações Mbya também chamam a atenção para a necessidade de uma atenta observação e cuidado quanto à forma de desenvolvimento desse tipo de trabalho, e a importância de que processos educativos ambientais em aldeias indígenas possam respeitar suas especificidades étnicas, ritmos e jeitos de aprender e de ensinar. É evidente a relevância do respeito com relação ao tempo de cada pessoa e de cada aldeia, a qual pode ser exemplificada através de uma conversa com Mário Benites, o jovem que ficou responsável pelo grupo de trabalho que tratava do tema dos resíduos, na aldeia da Varzinha. Ao ser questionado sobre o andamento da sua ação, ele respondeu da seguinte forma: “É difícil, mas vai aos poucos, cada um tem seu tempo”.

O respeito ao tempo necessário para decisões também é fundamental. Para ilustrar este processo, é apresentado aqui um relato da presidente do IECAM, Denise Wolf, com relação à proposta de construção do viveiro de mudas, que foi feita com base na demanda manifestada pelos Mbya com relação à falta de espécies vegetais necessárias para o artesanato:

Quando apresentamos na aldeia da Lomba do Pinheiro a proposta de construir um viveiro/estufa para multiplicar, semear, cultivar e depois

plantar nas aldeias espécies vegetais nativas para eles importantes, a proposta foi inicialmente rejeitada por alguns, mas solicitaram um tempo para pensar, refletir, conversar, rezar, sonhar, e conversar com os *Karáí*. As questões do espaço, do uso da terra e especialmente as “questões” espirituais envolvidas eram muitas e significativas. Após cerca de dois anos concluíram que havia chegado a hora de “ajudar” *Nhanderu* (Deus, Pai, Criador). Então se partiu para a elaboração conjunta do projeto arquitetônico, para a localização do viveiro, construção e “benção” do *Poarenda*. (WOLF, 2011).

Como os Guarani estavam mostrando grande dificuldade para encontrar as plantas que utilizam na confecção do artesanato, fonte essencial de sua geração de renda, foi sugerida a construção de um viveiro para a produção de mudas destas espécies e o posterior plantio nas aldeias. Inicialmente a resposta Guarani foi de que eles não iriam plantar, pois *Nhanderu* é que planta as árvores. No entanto, com a continuidade da convivência e dos diálogos entre a coordenadora do instituto e os indígenas, chegou um momento, após um período de dois anos, em que eles decidiram que poderiam “ajudar *Nhanderu*, plantando árvores”. Atualmente o viveiro é considerado como um elemento importante da aldeia, e que está sendo solicitado por outras aldeias. A fala do cacique José, Aldeia Campo Molhado, ilustra situação: “Este projeto não é dos humanos, é de *Nhanderu*. *Nhanderu* sempre trazia sementes, e agora está trazendo através do projeto”.

Houve aqui um entrelaçamento entre uma visão cosmológica guarani e uma solução ocidental proposta por uma instituição. Albert (1995), referindo-se ao discurso político indígena Yanomami, também o descreve como uma mistura entre categorias do pensamento ocidental e uma reelaboração cosmológica de fatos relacionados com este encontro intercultural, constituindo “duas faces equivalentes e interdependentes de um mesmo processo de construção simbólica”. Para haver este entrelaçamento entre o pensamento ocidental e indígena dentro de uma proposta educacional de ação socioambiental intercultural, além do respeito à temporalidade, é importante uma maior compreensão do seu sistema de pensamento e de percepção da realidade.

Neste sentido, percepções ambientais Mbya Guarani indicam como essencial para um trabalho educativo ambiental, uma visão integrada entre cultura e ambiente, contemplando uma perspectiva de Educação Ambiental que reúne sustentabilidade ambiental e social. Mas esta conexão pressupõe uma visão ambiental que não seja preservacionista, em termos de uma natureza intocada, e sim uma concepção que valoriza as interações e o papel humano na constituição das paisagens. E a cultura precisa de uma visão dinâmica, que considera a possibilidade do povo Mbya passar por transformações

culturais, adquirir outras tecnologias de manejo ambiental, sem que percam sua essência cultural. Deste modo, torna-se importante considerar as mudanças ao longo do tempo, bem como as diferenças individuais, familiares e entre aldeias.

A Ecopedagogia, conforme Ruscheinsky (2002, 2004), é uma abordagem educacional ambiental que integra a dimensão ambiental e a social, trazendo aspectos como a educação comunitária, questões políticas e de cidadania, e o papel das organizações e movimentos populares. Gadotti (2000, 2003) identifica nesta pedagogia a abordagem de Paulo Freire, partindo do cotidiano e das necessidades dos indivíduos e coletividades, em relações dialógicas direcionadas para a autonomia. Além disso, segundo Avanzi (2004), a abordagem ecopedagógica trabalha com um conjunto de referenciais que inclui a visão dos povos indígenas latino-americanos, junto a conhecimentos e reflexões de autores como James Lovelock, Fritjof Capra e Leonardo Boff, em uma concepção sistêmica e de cidadania planetária.

O caráter cultural da relação com o ambiente também é enfatizado na corrente etnográfica, identificada por Sauv  (2005) como uma perspectiva da educa o ambiental que considera a cultura de referência das comunidades trabalhadas, de modo a não impor saberes e visões de mundo. Além de buscar adaptar a pedagogia a diferentes realidades culturais, esta abordagem também se inspira nas visões educacionais de diversas culturas que apresentam rela es diferenciadas com o ambiente.

A liga o entre ambiente e cultura proporciona a integra o entre os diversos aspectos que compõem a vida humana, e sua manifesta o no cotidiano Mbya, em uma forma de vida em que aspectos como economia, saúde, educa o, organiza o social e política estão integrados na rela o humana com a natureza. Esta visão pode ser dialogada com a concep o sist mica, trazida em algumas abordagens da EA. Neste sentido a interdisciplinaridade também se apresenta como um princípio importante, em um movimento de diálogo e intera o entre diferentes formas de conhecimento, proporcionando a compreensão de um determinado fen meno através de diferentes pontos de vista, bem como a utiliza o dos saberes de várias áreas para resolver um determinado problema.

As sugestões Mbya de como abordar a questão dos resíduos, por exemplo, partem das rela es deste tema com saúde, alimenta o, agricultura, terra, animais, turismo e economia. O reconhecimento da saúde como relacionada com o manejo adequado de resíduos sólidos na aldeia apareceu fortemente durante o trabalho, em conversas com o cacique Cirilo, Agente de Saúde da aldeia da Lomba do Pinheiro, o qual se referia  

importância de falar para as pessoas que o lixo jogado no chão pode atrair agentes causadores de doenças. A relação entre resíduos e doenças também foi trazida por jovens na escola, em atividade relacionada com esta temática, quando apresentadas ilustrações e solicitado que falassem o que vinha na mente ao ver as imagens.

As ligações entre resíduos e economia foram demonstradas através da preocupação com o turismo, atividade econômica e de valorização cultural: “Pra receber turista tem que cuidar do lixo. Podem vir autoridades, pessoas de outros países, tem que se preparar pra receber.” (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2013).

O hábito de jogar resíduos no chão é comum entre os Guarani, desde quando não consumiam produtos industrializados e geravam somente resíduos orgânicos. Mas apesar deste costume, eles se preocupam em juntar depois e dar outro destino, organizando mutirões para esta tarefa, colocando nas lixeiras nas aldeias em que há coleta; solicitando sacos de lixo, latas e ajuda para conseguir a coleta de resíduos onde ainda não ocorre.

Algumas falas ao longo do trabalho, principalmente por parte de lideranças, foram revelando percepções sobre essa forma de descarte dos resíduos como um problema que consideram importante resolver. Sr. Miguel, cacique da Aldeia de Riozinho, relata que seus avós já falavam sobre esse tema, sobre a importância de não deixar sujeira dentro e ao redor da casa, de manter sempre bem limpo. Fica nítida, em diversas falas, a percepção dos diferentes tipos de lixo: “os que são da natureza” e “os que são criados pelos brancos”. O cacique Cirilo se refere a uma angústia proveniente dessa existência nas aldeias dos resíduos originados através de criações de não indígenas.

A gente sabe que o lixo no chão é ruim, que não é da gente. A gente se preocupa, conversa sobre isso, pensa no pátio que antigamente era limpo, pra não ter moscas, mosquitos, pra ter saúde. Todo mundo sabe disso, mas fica acostumado a jogar no chão. É difícil pra nós, mas vamos tocar nisso, vamos falar do lixo, vamos lutar pra mudar isso. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

Foi constatada ainda uma inquietação com relação ao lixo que os não indígenas levam pra aldeia. Isto ficou claro quando o cacique Cirilo indicou os dizeres para as placas que foram solicitadas (“Não jogue lixo no chão” e “Peity rive em eyty”): “Tem que escrever em português e em guarani, porque a placa é pros brancos também, eles também jogam lixo aqui no chão da aldeia”.

Outro elemento importante que surgiu na pesquisa foi uma percepção de mudança do ambiente com relação à presença ou ausência de resíduos no chão. A fala do cacique Cirilo, surgida espontaneamente em uma caminhada na aldeia após a realização de mutirão de limpeza, mostra a satisfação na percepção de que um ambiente sem lixo faz uma

diferença, inclusive com relação a uma mudança no ambiente interno das pessoas, afetando a dimensão mental e emocional:

O lixo muda o que a gente vê. Quando tem lixo a gente só enxerga o lixo, mas quando a gente tira o lixo, enxerga o verde. Aí muda o que a pessoa pensa, o que ela sente. O verde inspira outros pensamentos. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro, 2011).

Como uma das dificuldades apresentada pelos Mbya para resolver esta e outras questões foi a do envolvimento de todos os membros da aldeia, se delineia um importante papel do/a educador/a ambiental: a função motivadora, de articulação e incentivo, proporcionando espaços e meios para a reunião da comunidade na identificação das suas demandas, integração dos seus saberes e ideias na resolução de problemas e, quando necessário, articulação com conhecimentos, técnicas e estruturas de outras culturas, com o devido respeito para com as decisões indígenas. Esta mediação, além de promover a resolução concreta de questões comunitárias, proporciona a revitalização de práticas indígenas que não estavam mais sendo utilizadas:

Este novo começo é na verdade uma retomada de questões que estavam um pouco esquecidas, como a troca de sementes, de alimentos e de remédios, o plantio de árvores e o cultivo de roças nas aldeias. (Cacique José, Aldeia Campo Molhado).

Mas para que se possa alcançar esta relação, o andamento do trabalho mostrou a importância de que a EA não seja considerada como algo pronto, um planejamento fixo, mas que tenha características de abertura, flexibilidade, construção e transformação, com avaliação contínua e participação comunitária ampla e ativa.

Matos (2004, p. 21) se refere a possíveis descompassos entre expectativas dos agentes de financiamento, organizações executoras e comunidades indígenas com relação aos resultados dos projetos. O trabalho do IECAM mostrou a importância de que as metas sejam flexíveis, de modo que os processos avaliativos vão indicando as mudanças necessárias na trajetória, com abertura para o acréscimo de demandas que possam ir surgindo ao longo do trabalho, a partir das necessidades apresentadas pelos Mbya. Por exemplo, embora o foco inicial do projeto tenha sido a produção de mudas para suprir a necessidade de matéria-prima para o artesanato, uma demanda importante que surgiu posteriormente foi trabalhar em conjunto para garantir que todas as aldeias tenham novamente suas casas de reza (*Opy*).

Tem a preocupação de material para construção da *Opy*, porque algumas aldeias não têm condições e falta matéria prima. É preciso adquirir

material, transportar e ter alimento pra fazer o mutirão de construção da *Opy*. (Professor Hugo França, Aldeia da Lomba do Pinheiro).

A construção da *Opy* é um exemplo que através de uma visão disciplinar poderia parecer não constituir uma demanda ambiental, mas está diretamente relacionada com essa questão, pois consiste no local onde os Mbya trabalham sua espiritualidade, fortalecendo sua cultura, saúde, educação e agricultura, alimentando a cosmologia e o modo de ser ecológico.

Com esta visão unificada entre as diversas dimensões relevantes para uma comunidade humana, os objetivos e metas de uma EA Mbya Guarani vão incluindo uma diversidade de aspectos, compondo o conjunto de condições necessárias para que possam ter uma vida de qualidade, como territorialidade, recursos naturais, segurança alimentar, habitação, saúde, educação, geração de renda, saneamento, coleta de resíduos, etc., abrangendo o apoio (meios, condições, materiais, estruturas físicas adequadas) para que estes povos consigam manter suas tradições, ritos e costumes, incluindo seus hábitos ecológicos originais, que respeitam a capacidade natural de suporte e renovação dos ecossistemas, como a pesca, a coleta e o uso de plantas, fibras e sementes; o armazenamento, o cuidado e a troca de sementes.

Portanto, este tipo de atuação precisa se direcionar para uma conjugação de saberes, esforços e ideias, incluindo a articulação entre conhecimentos de diferentes áreas, culturas, instituições e funções em processos organizativos que tenham como objetivo a causa indígena, em uma visão colaborativa, com boa comunicação e divisão de tarefas, formando parcerias e redes de ações. Esta visão inclui a dedicação para obtenção de avanços na construção e aprimoramento, execução e monitoramento de políticas públicas indígenas de acordo com as demandas específicas desta cultura e, quando necessário, incluir o pressionamento de órgãos públicos para a exigência do cumprimento dos direitos indígenas.

Berkes (2009) destaca o papel importante das organizações, construindo pontes, facilitando uma tradução de conhecimentos, gerando aprendizagens coletivas e criando mecanismos nos quais saberes individuais podem ser compartilhados e reforçados, através de abordagens participativas. Este autor ressalta a importância da aprendizagem social, através da integração entre reflexão e ação e da solução conjunta de problemas, com a partilha de experiências e de ideias.

Souza et al (2004, p. 13) salienta a importância de apoio técnico e financeiro de longo prazo para projetos indígenas, com a compreensão de que este tipo de atuação

precisa de tempo e de especialistas qualificados, realmente envolvidos na questão. Além disso, indicam a necessidade do envolvimento e da identificação das responsabilidades das distintas categorias de representantes indígenas, como professores, agentes de saúde e lideranças. Os autores destacam ainda a relevância de estimular a reflexão e a sistematização de experiências, bem como a importância dos processos de formação.

O estímulo à consolidação de multiplicadores da EA indígena, trabalhando com agentes de saúde e de saneamento, professores, lideranças e outros interessados, em processos formativos que proporcionem o suporte necessário e espaços de reflexão, construção e troca de experiências, tende a contribuir para a fortificação da pedagogia ameríndia, de modo que, além da revitalização de práticas tradicionais ecológicas, elementos novos sejam inseridos espontaneamente, através de métodos e ritmos próprios deste povo, com sua forma de ensinar e de aprender.

Neste sentido, a atuação do IECAM também contemplou um trabalho em conjunto com os professores, de construção de atividades escolares, específicas para crianças e jovens, envolvendo uma diversidade de métodos, com flexibilidade e de acordo com cada situação. Um dos professores da Aldeia da Lomba do Pinheiro destaca, por exemplo, métodos utilizados para trabalhar com a questão dos resíduos:

Nós conversamos sobre como o lixo era antigamente e atualmente. Os alunos fizeram pesquisa, conversando com os mais velhos. Era só orgânico, só tinha cascas de alimentos. Não tinha papel, lata. Quem trouxe pra aldeia foi a gente, por isso temos que saber como tratar. Na visão Guarani queimar lixo não é problema. Então fizemos o desenho do planeta. O ar tem uma camada. É importante ver que quando queima o lixo, a fumaça vai pro ar, mas não some. (Professor Jerônimo, Aldeia da Lomba do Pinheiro).

Neste relato pode ser identificada a importância dos aspectos artísticos e históricos, dos desenhos, da cultura oral e da valorização do conhecimento dos mais velhos para a EA Mbya. A arte tem grande relevância na vida Guarani, sendo uma fonte de expressão de sua relação com a natureza, através da dança, música, desenhos e artesanato, podendo ser aproveitada para a Educação Ambiental como tema transversal, na sua relação com conteúdos curriculares das diversas áreas de conhecimento. De acordo com Ingold (2000), a arte pode ser vista como um modo de explorar mais profundamente o mundo, descobrindo seus significados e dando forma aos sentimentos, vistos como um modo de engajamento perceptivo e ativo no mundo, através da ecologia da vida.

O uso de mapas se mostrou como elemento de grande auxílio nas atividades escolares e com os adultos, principalmente no planejamento coletivo das ações e do

manejo de áreas, aproveitando o interesse indígena nesta atividade e sua admiração por imagens, com grande noção espacial e potencial para expressão através de desenhos e interpretação de imagens. Além do importante papel da elaboração de mapas como elemento para o planejamento e o manejo da área, pode se constituir como material didático de grande riqueza, contribuindo para a aprendizagem de conhecimentos de diversas áreas, de forma integrada à pesquisa. É importante que atuações educacionais ambientais desenvolvidas com os Guarani valorizem as potencialidades de conexão entre diferentes saberes e áreas de conhecimento, de modo que os contextos de aprendizagem possam ser aproveitados em um caráter associativo, para a assimilação de diferentes tipos de conteúdos, de forma prática e relacionada com as questões da vida cotidiana.

Cabalzar (2010) destaca a importância do ensino pela pesquisa participativa em escolas indígenas, com experiências de manejo ambiental, e com o uso de metodologias diversas, incluindo discussões, diagnósticos, planos de ação, aprofundamento de saberes próprios, monitoramento e avaliação de procedimentos. De acordo com Diniz (2011), o ensino pela pesquisa foi adotado como princípio educativo em escolas do alto Rio Negro, e assumido pelos professores Baniwa/Coripaco como estratégia metodológica que organiza as atividades curriculares. Conforme essa proposta, o conhecimento acessado e/ou produzido pela pesquisa é sistematizado, registrado e divulgado entre as comunidades.

Este tipo de processo educativo contribui ainda para outro importante fator: a autonomia dos povos indígenas. Segundo Luciano (2013), a busca pela formação escolar no alto rio Negro também está relacionada com a demanda por um maior empoderamento sociopolítico indígena. A escola é vista como oportunidade de construção da autonomia, e de fortalecimento e formação de novas lideranças.

Neste sentido, Silva & Cabalzar (2012) se refere aos Agentes Indígenas de Manejo Ambiental (AIMAS), categoria que surgiu em função de estimular a participação dos mais jovens em iniciativas de pesquisa e manejo ambiental. Essa participação se dá em por meio de diversos encontros de formação e pesquisa. Aos AIMAS compete reunir, organizar e traduzir informações e saberes associados ao manejo ambiental, do seu próprio povo e das sociedades envolvidas.

No projeto do IECAM, o envolvimento dos jovens e o fortalecimento das suas iniciativas e ações ocorreram durante todo o processo, mas principalmente através dos encontros, mutirões e grupos de trabalho. Os encontros possibilitam trocas de ideias entre aldeias que ainda mantêm mais fortemente seus aspectos tradicionais e as que estão mais envolvidas com o meio urbano e hábitos mais ocidentais. Além disso, proporcionam a

convivência em situações onde os mais velhos transmitem seus saberes para os mais jovens.

Esta troca de saberes proporcionada pelos encontros, entre pessoas mais velhas e mais jovens, provenientes de aldeias mais afastadas e mais próximas das cidades, foi considerada um elemento de contribuição para a valorização e o fortalecimento da cultura Mbya Guarani. A fala de Talcira Gomes, *Cunhã Karáí* (liderança espiritual feminina) da aldeia da Estiva, se referindo a um encontro entre as aldeias para colheita de pinhão e confecção de erva mate, mostrou esta importância: “vivemos nestes dias a verdadeira vida Guarani”. Nesta ocasião, alguns jovens relataram a importância do encontro como uma forma das aldeias valorizarem seus conhecimentos ancestrais e de se sentirem mais fortes e orgulhosos da cultura guarani. Esta relevância de “viver a vida Guarani” também se manifestou durante um encontro sobre as árvores, realizado na aldeia Itapoty, onde o Cacique José falou que estes encontros vão além de uma troca de saberes, sementes e alimentos, abrangendo a vivência da cultura Guarani. Este cacique expressou sua visão sobre a relação entre a experiência dos encontros e o fortalecimento cultural:

Gosto muito destes encontros onde além de discutir trabalho e cultura, nos encontramos com nossos parentes, tomamos chimarrão, fumamos *petyngué*, o que nos deixa fortes e com coragem de plantar, colher e manter a cultura. (Cacique José, Aldeia Campo Molhado).

É fundamental a promoção de encontros que sejam dirigidos pelos próprios Mbya, para discutirem livremente suas questões, em que haja momentos com a participação da equipe não indígena, para que eles possam apresentar suas demandas e os resultados de suas reflexões. Alguns encontros e oficinas são construídos para possibilitar que a maior parte do tempo aconteça somente entre os Mbya, proporcionando a troca de experiências, ideias, sementes e mudas entre as aldeias, além da reconstituição de saberes e de hábitos relacionados com o uso e o manejo sustentável dos sistemas naturais, muitas vezes ainda desconhecidos pelos jovens. Encontros de avaliação e de planejamento também são organizados com este formato, em que a presença da equipe do projeto ocorria somente nos momentos da abertura e do fechamento, para a escuta das avaliações, demandas e propostas. Outros encontros contam com a participação dos técnicos durante todo o tempo, mas são conduzidos pelos Mbya Guarani. Há ainda um formato de encontros e oficinas, que é conduzido pelos técnicos, onde são discutidos temas específicos e possibilidades de soluções, podendo abranger o uso de imagens, o planejamento das áreas com o uso de

mapas, ou a experiência prática de alguma técnica ecológica, como a compostagem, a adubação verde e a confecção de biofertilizantes e defensivos naturais.

Os encontros também foram citados pelos Mbya como atividades de grande contribuição para a troca de sementes entre as aldeias. As sementes constituem um elemento de grande importância que, de acordo com Heckler (2006) possibilita aos indígenas o aumento de autoestima, autonomia e fortalecimento cultural. A relevância da troca e da reciprocidade foi trazida com bastante ênfase, como sugestão para abordar e envolver as pessoas. Por exemplo, o indígena Ariel, que ajudava no trabalho do viveiro e do plantio de mudas, deu a sugestão de falar sobre os resíduos durante as visitas às famílias para oferecer mudas de árvores frutíferas.

Tem que ter troca pra falar, se não índio não aceita. Antigamente se levava fumo. Porque levou presente tem liberdade pra falar. Só chegar falando o índio não aceita. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro).

Tem que ganhar a confiança, envolver, “amarrar” a aldeia, trazer recurso, como por exemplo, o alimento pra reunir as pessoas e fazer mutirão. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro).

Se eu chegar falando pra juntar o lixo, a pessoa fica ofendida, tem que chegar e cumprimentar, conversar, perguntar como está a saúde, como estão as crianças. Se não quiserem conversar, por que faltou comida, a gente não fala. (Cacique Cirilo, Aldeia da Lomba do Pinheiro).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observações Mbya Guarani com relação à situação atual de algumas de suas aldeias mostram a importância de projetos educacionais participativos interculturais nestas áreas, com objetivos de melhoria ambiental, social e econômica. É importante que estas atuações tenham como base as percepções dos próprios Mbya, sendo desenvolvidas de acordo com suas especificidades, através de processos contínuos de diálogo intercultural, construção coletiva e troca de experiências, ideias e saberes, de modo a contribuir para sua revitalização cultural; integrando conhecimentos, técnicas e estruturas provenientes de outras culturas, de acordo com a necessidade.

Com base em percepções Mbya sobre processo educativo socioambiental desenvolvido em suas aldeias, bem como nos resultados de métodos utilizados, e em diálogo com autores do campo da Educação Ambiental, podem ser destacados alguns princípios, como interdisciplinaridade, conexão entre ambiente e cultura, interculturalidade, respeito a tempos, ritmos e características culturais, individuais e de cada aldeia, valorização das narrativas orais e do conhecimento dos mais velhos, relevância

de aspectos artísticos, históricos e cartográficos, e integração entre a dimensão educacional, da saúde, ecológica, econômica, política, cultural e social. Salienta-se a importância de uma diversidade de métodos que proporcionem flexibilidade, participação, envolvimento comunitário e formação de agentes multiplicadores, com o fortalecimento da autonomia, da organização social e das relações entre as aldeias. Como exemplos podem ser citados métodos participativos, observação participante, encontros, oficinas, mutirões, grupos de trabalho e elaboração de mapas. Também é ressaltado o papel da escola nestas atuações, envolvendo crianças e jovens em ações reflexivas e práticas, em conexão com as questões comunitárias.

É importante uma construção coletiva que respeite a cultura indígena e suas demandas, com a potencialidade de novas configurações que integrem a dimensão simbólica, ritual e afetiva com o pensamento técnico e científico, em um processo dinâmico de transformação mútua, sem que se perca a integridade e a essência das tradições Mbya.

Elementos que são relevantes na cultura Mbya Guarani apresentam grande potencialidade na atuação educativa ambiental, como a troca, a partilha do alimento e a arte, bem como a sua visão de mundo unificada, de integração entre humanidade e natureza, razão e emoção, e entre questões de diversas áreas de conhecimento. É necessária uma valorização dos saberes próprios da cultura Mbya, os conhecimentos sobre as plantas, os animais, a natureza como um todo, com suas conexões, aproveitando os acontecimentos e as vivências cotidianas. É importante um trabalho continuado, que envolva toda a comunidade e que possa, ao longo do tempo estar internalizado no cotidiano da aldeia, fortalecendo a autonomia.

Processos educativos ambientais com abertura para a interculturalidade proporcionam a integração, a articulação e a troca de pensamentos e práticas entre diferentes culturas, na construção coletiva em direção a um objetivo comum, que favoreça a ambos os grupos sociais e ao cuidado natural, em uma perspectiva que integra a dimensão ambiental, social, cultural, econômica e política, envolvendo fortalecimento de etnias, participação em decisões políticas, conservação de recursos naturais, geração de renda e garantia de direitos. Esta concepção pode contribuir para a valorização das aldeias e para a provisão e a manutenção das condições necessárias à qualidade de vida destas comunidades, de um modo participativo e integrado à questão ecológica, favorecendo a conservação da biodiversidade e de mananciais de água, a recuperação de solos e a recomposição de paisagens, em uma perspectiva de desenvolvimento que integra aspectos

como preservação ambiental, valorização étnica, autonomia cultural, justiça social e educação intercultural.

Para esta abordagem é necessária a integração entre múltiplos saberes, métodos e técnicas, provenientes de diversas culturas, articulando conhecimento científico e tradicional, teórico e prático, mental e emocional, artístico e filosófico. Experiências desse tipo, integradas a propostas de pesquisa, podem contribuir para o aprofundamento de muitos aspectos interculturais, suscitando reflexões e construções em diferentes áreas de conhecimento, em uma visão transdisciplinar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, Bruce. O ouro canibal e a queda do céu: uma crítica xamânica da economia política da natureza. *Série Antropologia*, Brasília, n. 174, p.1-33. 1995.

AVANZI, Maria Rita. Ecopedagogia. In: LAYRARGUES, Pomier. (Coord.). *Identidades da educação ambiental brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 36-49.

BERKES, Fikret. Evolution of co-management: role of knowledge generation, bridging organizations and social learning. *Journal of Environmental Management*, v. 90, p.1692-1702. 2009.

BERTHO, Ângela Maria de Moraes. *Os Índios Guarani da Serra do Tabuleiro e a Conservação da Natureza (Uma perspectiva etnoambiental)*. 2005. 224f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Área Temática Sociedade e Meio Ambiente) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis 2005.

CABALZAR, Flora Dias. *Manejo do mundo: conhecimentos e práticas dos povos indígenas do Rio Negro*. 2010.

DINIZ, Laise Lopes. *Relações e trajetórias sociais de jovens Baniwa na escola Pamáali no Médio Rio Içana-Noroeste Amazônico*. 214f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal do Amazonas, 2011.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis, 2000. 217 p.

GADOTTI, Moacir. A ecopedagogia como pedagogia apropriada ao processo da Carta da Terra. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 12, n. 21, p.11-24, jan/jun. 2003.

GIATTI, Leandro Luiz et al. Condições sanitárias e socioambientais em Iauaretê, área indígena em São Gabriel da Cachoeira, AM. *Ciência & Saúde Coletiva*, Manguinhos, RJ: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, v.12, n.6, p.1711-1723, jan. 2007.

HECKLER, Jacimara Machado. *Sementes e saberes... Trocas e aprendizados com a cultura Guarani e a agroecologia*. 2006. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

INGOLD, Tim. *The perception of the environment. Essays on livelihood, dwelling and skill*. London and New York: Routledge / Taylor & Francis Group. 2000. 178p.

LUCIANO, Gersem José dos Santos. *Educação para o manejo do mundo: entre a escola ideal e a escola real no alto rio Negro*. Rio de Janeiro: Contra Capa; Laced, 2013. 229 p.

MATOS, Maria Helena Ortolan. Execução e gestão de projetos indígenas: criando tradição e/ou reflexão? In: SOUZA, Cássio Noronha Inglez de Souza et al.(Orgs). *Povos indígenas: projetos e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004. 172 p.

RUSCHENSKY, Aloísio. As rimas da ecopedagogia: uma perspectiva ambientalista. In: RUSCHENSKY, Aloísio. (Org.). *Educação Ambiental: abordagens múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 61-71.

RUSCHENSKY, Aloísio. Atores sociais e meio ambiente: a mediação da ecopedagogia. In: LAYRARGUES, Philippe Pomier. (Coord.). *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. 156p.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, Michele; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura (Orgs.). *Educação Ambiental Pesquisa e Desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 17-44.

SEMEGHINI, Mariana Gama. Jaipota yvy porã (precisamos de terra boa): uma visão do manejo e agricultura guarani mbya. In: GUIMARÃES, L, B. et al. (Orgs.). *Tecendo subjetividades em educação e meio ambiente*. Florianópolis: Núcleo de Publicações/ Centro de Ciências da Educação/ Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. p.93-108.

SILVA, Adeilson Lopes da; CABALZAR, Aloisio. In: CABALZAR, Flora Dias. *Educação escolar indígena do Rio Negro: relatos de experiências e lições aprendidas*. São Paulo: Instituto Socioambiental: São Gabriel da Cachoeira, AM: Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro – FOIRN, 2012. P. 400-407.

SOUZA, Cássio Noronha Inglez et al. *Povos indígenas: projetos e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004. 172 p.

STUMPF, Beatriz Osorio, WOLF, Denise Rosana, FERNANDES, Paulo R. M., KOCH, Virgínia. Diálogos entre percepções ambientais Mbya Guarani e a Educação Ambiental. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, v.31, p.140 - 160, 2014.

TOLEDO, Renata Ferraz de; GIATTI, Leandro Luiz; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. Urbanidade rural, território e sustentabilidade: relações de contato em uma comunidade indígena no noroeste amazônico. *Ambiente & Sociedade*, Campinas, v.12, n. 01, p. 173-188, jan/jul. 2008.

VERDUM, Ricardo. Etnodesenvolvimento e mecanismos de fomento do desenvolvimento dos povos indígenas: a contribuição do subprograma projetos demonstrativos (PDA). In: Antônio Carlos de Souza Lima; Maria Barroso Hoffman (Org.). *Etnodesenvolvimento e Políticas Públicas*. Rio de Janeiro: LACED, 2002. p. 87-105.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: VIAÑA, J.; TAPIA, L. Y WALSH, C. (Orgs.). *Construyendo interculturalidad crítica*. La Paz – Bolivia: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2010. p. 75-96.

WOLF, Denise Rosana *Conflito ou Aliança entre a Proteção da Natureza e o Nhanderekó (Modo de Ser e Viver) Guarani*. 68 f. 2011. Monografia (Especialização em Gestão Ambiental). Fundação Getúlio Vargas. Porto Alegre, 2011.

Submetido em: 26-04-2016.

Publicado em: 31-08-2016.